

Democracia, excesso de liberdade e tirania

Ercília Macedo-Eckel

*“ ... a forma extrema de degeneração política é a tirania, que muitas vezes nasce da excessiva liberdade da democracia.”
Platão, A república, VIII-IX.*

A tirania de algumas tribos não precisa vir obrigatoriamente de uma forma de governo, pode vir de uma desenfreada democracia que suscita potenciais tiranos, em consequência da liberdade sem limites. Já dizia Eurípides mais ou menos isto: Não há pior inimigo que um tirano numa cidade, sob o qual desaparecem todas as leis comuns, e só o déspota e seus asseclas comandam as ações.

Vinte e oito anos depois de sairmos da ditadura militar para a democracia, estamos assistindo à tirania da violência e da destruição generalizada – arremedo importado principalmente da Europa e dos Estados Unidos. Uma verdadeira agressão aos habitantes das grandes capitais (por enquanto). A situação piora, quando o governo da maioria se corrompe, recomenda paciência aos eleitores e contribuintes, delibera sem autoridade suficiente, ou sem amparo legal, ou, ainda, aplica leis frouxas, a favor dos tiranos e rebeldes que esmagam as normas da ordem e dos bons costumes a que todos estão subordinados. Esses tiranos sem fé e esperança, sem rumo e ideologia, aparecem (onde ninguém os chamou) munidos apenas da força bruta, e avançam contra os direitos alheios, contra os bens públicos e privados.

Ainda não estamos preparados para ter o melhor governo e que, segundo Henry Thoreau, é aquele que não governa. Precisamos de autodisciplina e cooperação voluntária. Sem partido. Sem dogma (ou preceito incontestável, que não se pode negar). E, quando isso acontecer, será o governo por muitos desejado: aquele que não governa.

Máscara, baderna, violência, incêndio, destruição. Essa tribo tirânica leva a sociedade a pensar o quê? Valorizar o quê? Sentir o quê? Baderneiros e vândalos sentem alguma coisa, além do sádico prazer de ver os patrimônios público e privado reduzidos a cinzas e cacos? Fica evidente que a ação dessa gangue é mais importante que a discussão de ideias e princípios. Seus componentes não procuram a praça (ágora) para o debate e o exercício da persuasão, sem sofismas baratos. Tomam as vias públicas a fim de destruir e aterrorizar. Esses tiranos mascarados, trogloditas recém-saídos das cavernas pré-históricas, avançam contra a ordem estabelecida com a finalidade de destruir, incendiar, apavorar e escandalizar a maioria democrática civilizada.

É bem verdade que temos trauma de polícia, desde meados de 1960, mas isso não deveria contaminar nosso julgamento sobre suas ações, adequadas e não de recuo, diante de tamanha barbárie. Precisamos dar um basta a esses tiranos baderneiros, como fazem os países democráticos e civilizados do mundo – França, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos. Um paradoxo: foi nessas nações que surgiu essa insurreição tresloucada. Porém, hoje, nesses países, os policiais partem para cima dos arruaceiros, obedecendo a um manual de ação e nem a esquerda e nem a direita censuram o uso da força. Acrescente-se: se esses policiais demorarem a agir, serão duramente criticados pela população.

Finalmente, não se deve confundir licenciosidade com liberdade. Essa tem limites, possibilidade de escolha, em circunstâncias apropriadas e situação determinada. E permite aos outros essa mesma possibilidade, além da avaliação das consequências de opções (ou de seu controle) para usufruir liberdades futuras, abstraindo desenfreada democracia e se livrando do jugo minoritário de potenciais tiranos. Que o lema de nossa bandeira, Ordem e Progresso, nesse aniversário da República, não seja um chiste ao positivismo de Augusto Comte: Amor (como princípio), Ordem (como base) e Progresso (como meta).